

# Teatro em sala de aula: Um novo olhar que toca e transforma

Leslie Marko<sup>41</sup>  
Pesquisadora do LEER

“Creio que o teatro deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele.”

Augusto Boal, Diretor, autor e teórico teatral.

## I. ARTIGO SOBRE TEATRO-EDUCAÇÃO

## II. PROPOSTA DE TRABALHO COM UMA CENA TEATRAL: “ALÉM DO HUMANO”

## III. CENA TEATRAL ESCRITA

## IV. BIBLIOGRAFIA

### I. ARTIGO SOBRE TEATRO-EDUCAÇÃO

Partimos da premissa que o teatro, como arte coletiva e lúdica, contribui com o convívio entre as pessoas, a superação de pré-conceitos, o trabalho de equipe, a construção do conhecimento em grupo, a articulação estética da expressão, entre outros aspectos.

*A criação teatral promovida com artistas e públicos que trabalham seu lado criador, seja para os espetáculos, seja para as oficinas, aulas ou encontros, vem permitindo que profissionais e amadores reflitam o papel da arte e da educação, o papel do homem que sente e pensa porque sonha... E o que é melhor, porque realiza*

O Teatro-Educação utiliza-se metodologicamente de recursos emprestados da linguagem teatral que ao longo da história da civilização vem mostrando aportes ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade, à experiência grupal de construção do conhecimento, a uma leitura, reflexão e posicionamento sobre os acontecimentos na nossa sociedade e à produção estética como tradução e expressão de como pensamos e sentimos o mundo.

*O Teatro acontece como uma forma de educação não formal em que o espaço de relações de confiança possibilita um novo pensar o mundo. Resgatamos o papel do Homem como criador e artista de obras não formatadas, padronizadas ou globalizadas e sim que atendam ao exercício do pensar criativo e da construção de uma Poética-metáfora da realidade.*

*A expressão teatral, realizada no contexto do coletivo, abrange um leque amplo de exercício e aprendizagem: a sensibilização para o uso do imaginário, a entrega à improvisação que traz consigo o mistério do que será a ludicidade como prática, o abraço a um processo profundo de convivência e alteridade, o diálogo entre a teoria e a*

---

<sup>41</sup> Diretora e Teatro Educadora, Formada pela Pontifícia Universidade Católica de Peru (PUC/Peru) e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestre em Artes Cênicas na ECA/USP com a dissertação: *Dramaturgia Cênica na Empresa: Do Trabalhador Anônimo ao Ser Visível*. Desenvolve projetos teatrais pedagógicos, estéticos e sociais realizando processos e espetáculos de criação coletiva sobre temáticas diretamente relacionadas com atores e espectadores focalizando um teatro fora do circuito comercial e em espaços não convencionais dirigidos a públicos específicos (empresas, FEBEM, Clubes, Centros Acadêmicos, grupos de mulheres, jovens, hospitais, restaurantes, associações, vestibulandos, funcionários). Professora do Curso de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Realizou diversos projetos ligados ao Terceiro Setor.

*prática, o uso da máscara teatral utilizada conscientemente por cima do rosto expressivo do artista, a criação gestual-corporal original, o prazer de transitar entre a fantasia e a realidade com o horizonte das mudanças, etc.*

*Trabalha-se a teatralidade do atuante, ator ou jogador, a partir de sua forma mais espontânea (nas temáticas, abordagens de conflitos, construção de cena, etc.). Por meio do Jogo Dramático, favorecemos o processo de elaboração e articulação de uma linguagem singular onde a estética está presente tanto no processo como no resultado.*

Promovemos, através da teatralização, situações de reflexão coletiva em cima de questões comuns, que irão surgir naturalmente ou mesmo sugeridas durante os projetos desenvolvidos, incluindo as próprias relações do processo de aprendizagem. Algumas destas relações referem-se às do professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor, professor-coordenação, aluno-instituição, alunos-funcionários etc.

De acordo com Joana Lopes, teatro-educadora, “o jogo dramático é um exercício poético de e para a liberdade”. Ou seja, o teatro-educação favorece também a iniciativa do professor na ampliação do repertório de opções metodológicas nos processos pedagógicos e didáticos no ensino como estimular a inovação de dinâmicas em sala de aula, situações de treinamento, implicações pessoais e institucionais diante de propostas de mudança.

Podemos considerar a existência de processos de aprendizagem criativa para quem se expressa e para quem assiste. A aprendizagem criativa refere-se à possibilidade da apropriação singular e genuína do conhecimento. Para sermos singulares é importante perceber a os mesmos como seres que capazes de integrar nosso corpo, emoção, intelecto, intuição e elaboração. Para sermos singulares e expressivos dessa singularidade vivemos situações favoráveis, vinculadas a sujeitos e ambientes estimulantes e entusiasmados com o viver e tudo o que isso implica.

Partimos do princípio que a expressão estética teatral não depende do talento como condição “privilegiada” e sim da capacidade para experienciar com liberdade um processo de criação. A teatralidade nasce com o ser humano, aliada à sua capacidade de simbolização e de jogo a ser desenvolvida mais tarde, na fase da abstração. Basta lembrar que nos jogos infantis existe a dimensão lúdica, por natureza, do faz de conta. A dramatização é então inerente a nós humanos, a partir da infância, na tentativa permanente de traduzirmos os mundos internos e externos e suas interfaces. Na realidade podemos considerar, como resultado de um processo consciente, a dramatização como uma ponte que permite uma ligação significativa entre dentro e fora, fantasia e realidade, objetividade e subjetividade. O processo de aprendizagem está implicado nesse mesmo movimento. A criatividade instala-se em instâncias em que a liberdade empresta suas asas para evitar procedimentos mecanicistas, impositivos, rígidos ou conservadores que inibam qualquer processo de apropriação e autoria.

Aprendizagem criativa é a possibilidade de respirarmos o conhecimento através do belo. E o belo está no singular e no plural, no interno e no externo, no pensamento e na emoção... no ser e no mundo.

O teatro fascina porque celebra o encontro possível entre ator e diretor, ator e espectador, todos compartilhando um universo tanto social como subjetivo semelhante.

A arte e o jogo têm se manifestado desde o início da civilização como recursos que degustam e digerem a vida. O cosmos e seu mistério têm inspirado a arte e os rituais na busca simbólica e artística para a compreensão que ajude a aliviar nossas indagações, acalentando o prazer das respostas. Não somente experiências do fazer teatro, mas especialmente o experimento é que permite a sensorialização artística do indivíduo diante dele mesmo e da sua percepção do mundo, ou melhor, de sua forma de conceber o mundo. Isso reforça e estimula a hipótese da importância de todos termos aceso ao fazer teatral e a afirmação de que todos podemos praticar essa arte porque somos atores natos. Além disso, cada um de nós tem uma história interessante e original que pode ser re-significada e universalizada por um processo de teatro-educação. No teatro podemos ser protagonistas daquilo onde

potencialmente poderíamos ser: personagens principais e autores de nossa história. Como exemplo disso remeto-me às palavras de uma adolescente:

“ O sol feito leve leva sua arte além do jardim infinito iluminando o gesto do ator. O teatro, aquela coisa atraente, uma das razões e lemas de vida, um dos motivos da minha felicidade e ansiedade para aproveitar cada segundo dos momentos ligados ao palco, ao faz de conta. O primeiro plano de meu mundo, é onde eu mudo de personalidade e coloco a máscara de mim mesma. O todo.”

Ana Julia, 16 anos

A improvisação, essência do teatro-educação, nascido do teatro ritualístico e presente, ao mesmo tempo no teatro contemporâneo, é também projeto de uma teatralidade formalizada que pode resultar num espetáculo, encenação ou montagem teatral. Gestos e ações a se renovarem através do tempo e espaço ativos. A improvisação nos permite atualizar e presentificar, através de intenções estéticas, o que somos no momento em que somos.

O teatro cumpre também um papel social importante como prática de cidadania e participação. Podemos apontar alguns aspectos que ampliam o protagonismo e a ação cidadã nas nossas comunidades através do uso da linguagem teatral:

- Nos espaços de ensino e aprendizagem podemos, com a linguagem teatral, promover: questionamentos da criança e do adolescente em relação a seu espaço na sociedade brasileira que venha fortalecer a sua própria identidade e seu lugar no mundo.
- O estímulo, através da linguagem teatral, à troca de experiências entre jovens de diversas regiões e classes sociais.
- Favorecimento de formação de grupos de teatro juvenis em comunidades carentes de baixo nível socioeconômico com pouco ou nenhum acesso à cultura.
- Capacitação de líderes comunitários, educadores, teatro-educadores e jovens que venham coordenar novos grupos de teatro.
- Utilização do teatro como valioso recurso educacional de desenvolvimento individual/coletivo a serviço do questionamento e transformações possíveis.
- Criação de novos espaços de encontro do jovem que contribuam à reflexão e busca de saídas para prevenir a delinquência, violência, abandono da escola, uso de drogas, alcoolismo, problemas de saúde, pouca inserção no mercado de trabalho e marginalização em geral.
- *Criação de oficinas que estimulem os jovens a buscar cursos profissionalizantes a partir das tarefas realizadas em projetos teatrais (atores, cenógrafos, dramaturgos, iluminadores, cenotécnicos, sonoplastas, etc.)*
- *Estímulo à elaboração de uma visão do ser humano crítica a partir da criação de cada espetáculo.*

*Pode se realizar uma pesquisa para enriquecer o repertório do grupo em que se incluem leituras especializadas – história do movimento jovem no mundo, compreensão sobre adolescência, bate papos com profissionais sobre drogas, violência e delinquência, família, escola, Brasil hoje, direitos da criança e do adolescente, cotidiano em geral, intercâmbio com outros jovens sobre a temática, contato com outras produções artísticas e culturais (teatro, cinema, dança, música etc.)*

*O trabalho com recursos teatrais favorece o processo de desenvolvimento de expressão, comunicação e tradução da realidade de forma poética e estética trazendo:*

. Vínculo com o **outro**: olhar, percepção do outro, confiança, inclusão, proximidade, valorização, compreensão, tarefas em equipe, compromisso.

. Estimulo à **integração**, através de recursos teatrais, das dimensões do corpo, sentimentos e pensamento, para sermos menos fragmentados, contraditórios ou ambivalentes.

. Estimulo à **improvisação e prontidão** como exercício de adaptação e agilidade diante de situações novas e inesperadas.

. Estimulo ao desenvolvimento da **imaginação e criatividade** como elementos essenciais que favorecem a expressão e comunicação.

. Percepção e pensamento sobre a possibilidade de flexibilização: monotonia da voz, tom e volume; conteúdos que se repetem em diferentes situações, uso de dinâmicas, recursos motivacionais, uso de outras linguagens.

. Experiência de construção de **personagem** como maneira de pesquisar perfis diferentes - reconhecer e identificar os “outros”, identificar em nós mesmos as diversas possibilidades expressivas, pesquisa do repertório pessoal - memória, perfil, recordações, bagagens próprias e as que podemos construir em grupo.

. Promover também, através da teatralização, situações de **reflexão coletiva** encima de questões comuns do cotidiano que fazem parte da nossa concepção do mundo.

“Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo no prazer de mudar a realidade. Nossas platéias precisam não apenas saber que Prometeu foi libertado, mas também precisam se familiarizar com o prazer de libertá-lo.”

Bertolt Brecht, teórico e dramaturgo.

O Teatro vem mostrando em diferentes segmentos (empresas, escolas, entidades e comunidades em geral) o seu valioso alcance e aporte.

Um outro aspecto interessante é que o Teatro caracteriza-se também, ao longo da nossa civilização, como uma arte essencialmente coletiva – trabalhando tanto com uma equipe de atores quanto com um grupo de espectadores. Essa linguagem propicia à experiência coletiva pode resultar em importantes processos de reflexão, transformação, expressão, comunicação, integração, lazer e participação tanto de atores como de espectadores.

Considera-se também, como aporte significativo do Teatro à nossa cultura, o fato da interferência no cotidiano através de mensagens e conteúdos que, como mostra a História do Teatro ao longo dos séculos, tem participado de mudanças e movimentos sociais importantes, assim como, contribuí imensamente nas questões existenciais, filosóficas e político-sociais de forma polêmica e efervescente.

A linguagem do teatro é uma das primeiras manifestações artísticas da nossa civilização. Arte essencialmente poética e lúdica, capaz de integrar outras linguagens. O teatro também se vincula sabiamente à Educação, constituindo-se numa proposta experimental de construção do real e das relações humanas.

Podemos, então, diante de uma platéia denunciar angústias, dores, insatisfações, assim como a crítica diante de conflitos sociais. Podemos, também, celebrar a vida e contagiar centenas de olhares que escutam cada som e tocam com o olhar cada gesto.

O “aqui e agora” é a possibilidade da atualização da vivência expressiva e reflexiva grupal, no contexto imediato, na busca permanente de respostas, caminhos, luzes e, principalmente, descobertas de novas perguntas.

O teatro permite demonstrar a potencialidade da nossa comunicação a partir do exercício de, livremente, expressarmos a realidade. A possível intervenção social é objetivo do teatro educação: interferir na estrutura individual e grupal dos atores para contribuir na transformação de uma platéia representante simbólica de uma sociedade que queremos melhorar e humanizar.

A cada apresentação reinventa-se a vida com emoção; a cada apresentação palco e platéia redescobrem-se como agentes da existência, da evolução e de transformações possíveis. A partir de personagens, fatos e diálogos podemos “contar” a realidade com a poesia mais delicada ou com a acidez mais veemente. Através do teatro nos traduzimos e traduzimos o outro.

E quais os objetos de conhecimento presentes no processo destes processos de expressão e aprendizagem? São tantos: o próprio ator com ele mesmo, o outro ator com que contracenamos, o espectador, a própria fala, os diálogos, o silêncio, a luz, a trilha sonora, as roupas e os objetos de cena... O olhar que vem do bastidor, o riso escondido de alguém na platéia. Tudo é objeto de forma intensa e rápida... O tempo acompanha e foge... Todos os signos da linguagem teatral viram objetos a serem conhecidos e “apreendidos”.

O ator feito personagem parte sem dúvida do primeiro vínculo: eu com outro (o personagem é alguém fora de mim mesmo) e, ao mesmo tempo, é eu mesmo (eu que represento o personagem com a minha compreensão, percepção, interpretação, concepção.) O ator veste e impregna-se com as características de outro ser. O ator vive fascinado com a possibilidade do uso da máscara. A criação de um personagem é um processo artesanal de aprendizagem ao nível físico, psicológico e intelectual. A compreensão profunda e inteligente deste processo é fundamental para a comunicação posterior com a platéia. Viver um outro sendo o que sou é tão complexo como querer entender o movimento dos asteróides numa noite de estrelas cadentes. Lógicas e mistérios, conhecimento e desconhecimento, aproximação e distanciamento. Afinal todas as maneiras de vivermos para explicar melhor o que vivemos.

Estabelecer um diálogo significativo entre atores e espectadores por meio do impacto estético vivido por todos em momentos diferentes (processo de montagem e apresentações) é um instante de encontro tão fecundo que, já na época de Aristóteles, falava-se em catarse da platéia (expurgação da falha trágica do espectador através da punição do herói na cena). É esta mesma catarse que Bertolt Brecht questionará alguns séculos mais tarde, defendendo a estimulação crítica, o distanciamento tanto dos atores, técnicos e diretores, como da platéia que permita a todos formular críticas ousadas da realidade. E, assim, podemos re-significar cada momento. O teatro se refaz, se pergunta, e novamente se pergunta.

O processo provocado em atores novos e amadores é o de acordar os Homens Artistas, capazes de resgatar a ludicidade, intuição, criatividade transformadora e a comunicação estética. Esse percurso rompe espaços tradicionais, códigos rígidos de expressão e percepção do mundo, fragmentos compostos num teatro vivo.

Atingimos novos conhecimentos com a consciência de limitações e condicionamentos. Lidamos com o conflito criador: fazer frente a esquemas aparentemente imóveis em todos os sentidos. A arte teatral pode emancipar, livrar e liberar. Permite, também, em determinados momentos a confusão que perturba, usando-a como motor da busca criadora. Assim, o ator não se mantém passivo ou neutro.

Ainda que expresse fatos, sentimentos e idéias de forma não necessariamente alegres, o momento teatral permite um vôo com entusiasmo, num universo quase que mágico. Quando temos consciência desse momento de profundo encontro é que celebramos. Então inscrevemos o gesto no palco e na vida!

## II. PROPOSTA DE TRABALHO COM UMA CENA TEATRAL: “ALÉM DO HUMANO”

### → Objetivos:

- Utilizar a linguagem teatral como meio de expressão, comunicação e tradução estética de uma forma crítica sobre os acontecimentos históricos que habitam a sociedade em que vivemos.
- Criação, na sala de aula, de um espaço artístico de aprendizagem onde se exercite e reflita sobre assuntos ligados, no caso, à barbárie que foi o Holocausto. Propor esta experiência através de uma Cena que apresenta um fragmento de um julgamento a nazistas que permita observar, representar e compreender formas diferentes de posicionamentos nas figuras de um juiz, fiscal, advogado, réu, e testemunhas (sobreviventes). O acesso a pontos diferentes permitirá que os alunos polemizem e aprofundem questões como justiça, ética, manipulação, genocídio, poder, coragem, submissão, solidariedade, mudanças, entre outros.
- Experiência de construção de jogo teatral como facilitador do resgate da dimensão espontânea da expressão em direção à articulação estética.
  - O Olhar, a escuta e a fala: recursos de percepção e comunicação dos alunos para a criação de vínculos significativos na escola e na vida.
  - O Jogo como inspirador de traduções críticas da realidade.
- Aproveitar uma cena teatral proposta (texto escrito e cena filmada em DVD que acompanham esta apostila) como disparadora de uma, duas ou várias opções para seu uso em sala de aula, podendo ser apresentada ou não diante de um público (alunos, pais, professores, funcionários):

OPÇÃO 1: Texto que pode ser lido, em forma de *Leitura Dramática* (leitura com os alunos sentados, quando o professor tem dificuldade de tempo para ensaiar por exemplo,

OPÇÃO 2: Texto que pode ser lido, em forma de *Leitura Dramatizada* (leitura com os alunos se movimentando realizando alguns gestos e ações ensaiados),

OPÇÃO 3: Cena a ser ensaiada e encenada,

OPÇÃO 4: Cena inspiradora para criar outras cenas a partir dela,

OPÇÃO 5: Usando a técnica de *Teatro Fórum* do Teatro do Oprimido de Augusto Boal em que os espectadores entram em cena substituindo os personagens. A cena é criada e ensaiada pelos alunos/atores. Ao representar a encenação, os alunos/espectadores podem pedir para deter a cena com a palavra: PARE! Coloca-se no lugar do personagem oprimido, no caso a testemunha que representa quem foi massacrado durante o nazismo e busca dar continuidade aos argumentos e depoimentos que seu colega de classe vinha dando, no intuito de completar e aprofundar o mesmo. Inspirado na técnica de Boal, o professor pode também propor que qualquer personagem seja substituído por um aluno/espectador quando assim o quiser, abrindo o leque para mais interpretações e desdobramentos da cena sob a apropriação de mais alunos participantes.

Neste caso recomendamos procurar na bibliografia detalhamento sobre esta técnica caso o professor deseje se aprofundar na mesma.

OPÇÃO 6: Criar, de forma escrita, verbal ou encenada o final da cena que não está escrita: veredicto do Júri.

Para qualquer uma destas opções sugerimos como dinâmica que pode acontecer em mais de uma aula:

1. Explicação da proposta
2. Aquecimento de Integração entre os alunos:

Sugestão: Batatinha 1,2,3 – Jogo de tentar chegar num objetivo, andando ou correndo enquanto um aluno está de costas dizendo a frase. Assim que ele se vira todos devem parar de se movimentar. Caso seja flagrado é pedido que volte ao início da corrida.

### 3. Aquecimento Teatral:

a) Pedir aos alunos que andem pela sala em todas as direções, sem falar, respirando fundo, olhando para si mesmo, depois para o espaço onde estão e os objetos que nele estão, depois olhando para os colegas e finalmente trocando algum gesto com quem cruza ao caminhar.

b) Andar todos ao mesmo tempo sem falar e a cada palma que o professor da pedir que todos se imaginem algum personagem (mesmo que repitam) de determinado ambiente proposto pelo professor ( restaurante, hotel, redação de jornal, escola, centro espacial, etc. ) Após cada representação (sem palavras) pede-se que os alunos andem novamente pela sala e assim sucessivamente. O(s) último(s) pedido(s) de personagem pode ser relativo ao Nazismo

4. Leitura da cena, uma ou várias vezes.

5. Conversa sobre a compreensão e opiniões sobre a cena. Trazer material de pesquisa histórica ou ter pedido que os alunos pesquisem antes ou depois desta aula, de preferência antes e completar a pesquisa posteriormente.

6. Divisão da classe em grupos nos quais acontece a discussão.

7. Escolha de uma das opções de encenação propostas acima

8. Ensaio e apresentação na sala de aula

9. Conversa sobre a apresentação: como foi, o que ficou mais claro? Faltou algum tipo de argumentação? Os argumentos foram convincentes? Faltou pesquisa histórica para que a cena fosse mais verdadeira?

10. Possível apresentação em outro momento para outros públicos.

11. Registro e documentação da forma possível: guardando os materiais numa pasta a ser re-olhada mais adiante, colocando um relato da experiência em algum mural da sala ou em outro espaço da escola, fotos, filmagem, etc.

#### → Recursos Operacionais:

1. Sala ampla com cadeiras móveis.
2. Aparelho de som com projeção suficiente de acordo ao espaço, no caso de os alunos quiserem colocar trilha sonora na encenação.
3. Roupas de época trazidas pelos próprios alunos que podem ser na realidade casacos, paletós,, bolsas e chapéus mais antigos que possam ter em casa.
4. Objetos que os alunos podem trazer socializando e compartilhando entre eles de acordo aos personagens que irão interpretar.
5. Máquina fotográfica ou celular de imagem para registro. Filmadora se possível
6. Papel para escrever os roteiros de argumentação dos personagens

### III. CENA TEATRAL ESCRITA

#### ALÉM DO HUMANO

Autora: Maritza Kirchhausen, dramaturga peruana, 2009

Tradução: Gabriela Marko

→ Observação: O papel do sobrevivente (testemunha) será interpretado por três atores. Os três estarão vestidos de forma parecida. Toda vez que a fala do personagem passa para outro ator ou atriz (como assinalado no texto) um passa para o outro uma estrela de david amarela de aproximadamente 10 cm que pode ser fixada na roupa dos atores com velcro ou dupla-face.

Desta maneira, ficará sempre claro que se trata do mesmo personagem representado por vários atores, o que reforça também a ideia de não se tratar de casos de extermínio acontecidos isoladamente e sim da representação de um único povo: a Humanidade.

Réu: Todos vocês, aqui sentados, observando como querem me destruir. Mas não poderão, eles não poderão. Jamais se viu que o débil derrote o forte.

Sobrevivente 1: David lançou sua pedra contra o infame Golias, isso não é uma mentira.

Advogado: Todo, absolutamente todo o escrito, o dito, o contado e cantado nessa Bíblia é a fantasia do povo que foi escolhido para eliminar-se.

Réu: Os judeus, o povo de Israel são a miséria do mundo, são a traição vivente. Todos deveriam desaparecer!

Fiscal: Estamos aqui, de frente com a verdade, a determinar quem vive com a insígnia da verdade.

Réu: A suástica!

Sobrevivente 1: Assim nos puseram uma e mil vezes a estrela de David para sermos assinalados como os sujos, os miseráveis, os que devem morrer, assim mil vezes usaríamos o símbolo com orgulho, não por ser um povo escolhido, mas por ser um povo que jamais poderá ser esquecido, menos ainda: eliminado.

Juiz: Silêncio!

(TODOS FICAM QUIETOS)

Juiz: Não peço silêncio nessa sala para que a história deixe de escrever as páginas mais violentas e cruéis que já existiram. Não peço silêncio para que os assistentes escutem e opinem somente... Não peço silêncio para executar uma sorte de circo em que cada um fará saber o que sentiu ou deixou de sentir... Peço silêncio por todos os assassinados sobre terras enlameadas no campo de batalha, peço calar por respeito aos mortos das trincheiras, das câmaras de gás, de golpes na cabeça com a raiva do fuzil, de quem morreu com um certo disparo no coração, na cabeça ou dessangrados pelas absurdas ordens de matar. Silêncio e pranto por aqueles, sem importar de que bando tiveram que deixar a vida por causa de um ideal tão absurdo como o dia de hoje.

Réu: Um ideal nosso, senhor juiz, um ideal que queria mudar o mundo inteiro e que, talvez hoje, se possa entender. Viva o nacional socialismo, viva nosso líder, Heil Hitler.

Advogado: Heil Hitler

Juiz: Não queremos, hoje, começar uma nova guerra. Estamos aqui para entender, para que cada quem possa provar e comprovar sua inocência ou culpa.

Réu: Me declaro inocente por matar.

Sobrevivente 1: Me sinto culpado por haver sofrido... Toda minha família morreu durante a guerra. Eu era padeiro. Todas as madrugadas, minha esposa e eu nos levantávamos para acender o forno e tê-lo preparado para colocar massa pronta para cozinhar os pães e tortas que o público vinha pegar em suas cestas. Não houve dia desde que nos casamos em que não fizemos o mesmo. Meus três filhos cresceram no ventre de minha mulher cheirando o aroma do presente mais apreciado pelo ser humano, o pão e a liberdade. Porque a liberdade tem cheiro, senhores...

Advogado: Vá direto ao ponto. Não estamos aqui para ouvir suas palavras sentimentais.

Sobrevivente 1: Senhor juiz, peço que me escute, porque o ponto final é a morte.

Juiz: Siga.

Sobrevivente 1: O rádio que tínhamos no armazém anunciava cada manhã, cada dia, cada madrugada que Hitler estava organizando uma verdadeira revolução. Uma mudança que a história escreveria letra a letra. Débora e eu jamais imaginamos que se tratava de um plano de extermínio contra nós mesmos.

Réu: Os padeiros? (SORRI)

Sobrevivente 2: Padeiros, sapateiros, alfaiates, boticários, professores, estudantes, cozinheiros, pintores, artesãos —

Fiscal: Judeus!

Réu: Não havia outro caminho, senhores. Todos eles estavam infectando a Alemanha, a Europa, o mundo. Se não os eliminássemos, eles fariam isso conosco. O Terceiro Reich com nosso Führer sabia que a índole dos judeus era das mais perigosas que existiam.

Sobrevivente 2: Os fornos onde incendiaram minha esposa e meus três filhos nunca deixavam de estar acesos. A diferença é que nós amassávamos nos armazéns com amor e os meus, o ódio os consumiu palmo a palmo, cinza fumegante e dor quando o céu se acendia com cheiro fumaça. Com cheiro de seres humanos. Senhores, perdi meus filhos, perdi minha esposa e perdi a vontade de viver quando me deram a notícia. Eles me mantiveram vivo para que continuasse amassando para suas tropas, me bateram até o desmaio ou me matariam como a eles se não lhes entregasse o pão de cada dia.

Réu: Amém.

Juiz: Basta general. Não é de seu direito abusar do senhor...

Advogado: General, por favor. Não perca a postura.

Réu: Jamais. Me tornei soldado e cheguei a general justamente por não perder os papéis, por ser tolerante com meu desenvolvimento militar, por abraçar a bandeira do Terceiro Reich. Me fizeram general não por poucas coisas.

Sobrevivente 2: Por matar!

Juiz: Peço que não façamos interrupções. Cada um tem o direito a defender-se.

Sobrevivente 2: Para mim já é tarde, minha família não teve direitos.

Réu: Sua família estava condenada pelo nosso ideal. Eram a desgraça nascida de ventre judeu, estavam destinados a ser erradicados da face da terra, fizemos o que tínhamos que fazer. Lástima que não pudemos concluir nosso fim.

Advogado: O homem que defendo está convencido que não poderia se exercer uma oposição, que nenhum judeu deverá sobreviver.

Sobrevivente 2: Uma lástima porque hoje, o senhor tem que me olhar nos olhos. Aos mesmo olhos que tantas vezes arrancaram de crianças, de mulheres e homens que só cometeram o delito de serem judeus.

Fiscal: As intermináveis torturas, as aberrações, maltratos e humilhações já estão sendo escritas na história hoje.

Sobrevivente 2 : E o grito de um povo, senhor. O grito de não permitir que se nos esqueça, de não permitir que se repitam atos de tal selvagerismo que nem os animais da espécie mais sangrenta conhecem,

Juiz: Estamos aqui para entender por que aconteceu.

Réu: Aconteceu porque era o caminho, o destino que nos interrompeu de libertar o mundo do lixo. Se D'us existe, e existe mesmo, se equivocou ao criar seres desprezíveis e mínimos como a raça dos judeus.

Sobrevivente 3: Aconteceu porque os soldados se fizeram generais, pisaram com suas botas e suas armas na vida de todo um povo, mas não puderam acabar com a dignidade dos que pudemos nos salvar. Se D'us existe, e existe mesmo, ele mesmo deve olhar hoje que nós, seres humanos, somos capazes de tudo, de matar, de morrer, de sobreviver. Eu sou um desses últimos. Levo cravada em minha pele este número, uma tatuagem de morte, uma marca como se faz nas bestas. Mas não importa, nada impedirá que a mostre para que se conte a verdade, para que se saiba que os miseráveis sobreviveram, para que se entenda que ninguém tem o direito de tirar a vida do outro. Hoje, minha esposa seria avó e meus filhos, pais e mães felizes. Foram impedidos de continuar com aquilo que é a natureza do ser humano, lhes retiraram a vida por uma loucura, os afastaram de minha vida para sempre sem uma razão que eu possa entender. Perdi os meus, perdi amigos, perdi ilusões, e perdi algumas vezes as esperanças. Mas, hoje, aqui, volto a me levantar, volto a dizer a todos vocês que amassar o pão não é uma ação simples, não é um trabalho árduo, é um ato de amor! E aqueles que não sabem o que significa isso, são aqueles que assassinam e quebram a paz do mundo. Hoje vivo em companhia de outros sobreviventes, de distintos países, de diferentes histórias de dor, mas com eles amasso cada 6ª feira um mesmo pão, o pão que abençoamos e que a terra nos dá.

Réu: Ninguém nem nada fará com que se recupere sua família nem os judeus mortos na guerra.

Sobrevivente 3: Ninguém nem nada fará com que se recupere minha família nem os judeus assassinados na sua guerra de loucura, mas ninguém impedirá que possamos seguir reunindo-nos, aqueles que conseguiram salvar-se e abençoar cada dia, cada noite e cada instante de vida que temos. Pelos que foram massacrados e assassinados, nós sobrevivemos. E voltarão a haver mães e avós e crianças correndo pelos mercados, ruas, campos, sem nenhuma insgnia nem desonra sobre seus peitos. Levantaremos a estrela de David com orgulho, jamais com vergonha... porque é nosso escudo, nosso povo.

Juiz: Que D'us e a vida abençoem o senhor...

O advogado e o fiscal se sentam. O juiz observa como réu e sobrevivente fazem o mesmo e pouco a pouco o réu vai deslizando por sua cadeira, vencido. (MÚSICA)

FIM

#### **IV. BIBLIOGRAFIA**

ARENDDT, Hanna. *Eichman em Jerusalém*. Um Relato sobre a Banalidade do Mal. São Paulo, Diagrama & Texto, 1983.al.

BARTOV, Omer, GROSSMANN, Atina, NOLAN, Mary. Tradução Renato Rezende. Crimes de Guerra: Culpa e Negação no Século XX. Rio de Janeiro: Difel, 2005

- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido*, São Paulo, Hucitec, 1990.
- BOAL, Augusto. *Stop: c'est magique*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- BOAL, Augusto. *200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro e Pensamento*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.
- HUIZINGA Johan. *Homo Ludens*, Barcelona, Emecé Editora, 1993.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2001.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *O Jogo Dramático como um Processo de Formação de Atitudes*. In *II Boletín Iberoamericano de Teatro para la Infância y la Juventud*, Madrid, 1973, pp. 34-36
- LOPEZ, Joana. *Pega Teatro*. São Paulo, Centro de Teatro e Educação Popular, 1980.
- LOWMAN, Joseph. *Dominando as Técnicas de Ensino*. Trad. Harue Ohara Avritscher. Consultoria Técnica: Ilan Avrichir e Marcos Amatucci. São Paulo. Edit Atlas S. A, 2004 .
- MARKO, Leslie. *Dramaturgia cênica na empresa: do trabalhador anônimo ao ser visível*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. ECA-USP, 2009.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.
- PARENTE, Sonia Maria B.A. *Pelos caminhos da Ignorância e do Conhecimento: fundamentação teórica da prática clínica dos problemas de aprendizagem – São Paulo*. Casa do Psicólogo, 2000.
- PEIXOTO, Fernando. *Brecht, Vida e Obra*. São Paulo, Editora Paz e Terra. 1974
- REY, Constatino Carvalho. *Diario Educar, Tribulaciones de un maestro desarmado*. Lima, Peru. Edit Aguilar, 2005.
- ROSA, Sanny S. da. *Brincar, Conhecer, Ensinar*. São Paulo: Cortez, 1998.
- ROSA, Sanny S. da. *Construtivismo e Mudança*. São Paulo: Cortez, 1994.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, Trad. Ingrid D.. Koudela e Eduardo Amos. São Paulo, Perspectiva, 2001, 4ª edição.
- SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin*. Trad. Ingrid D.Koudela. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- WINNICOTT, D. W *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.